

Paisagem alimentar sob os fluxos globais: alimentação e estilos de vida de imigrantes transnacionais em Amsterdã

Paisaje alimentario bajo los flujos globales: alimentación y estilos de vida de inmigrantes transnacionales en Ámsterdam

Foodscape under global flows: food and lifestyles of transnational immigrants in Amsterdam

Carla Pires Vieira da Rocha (Brasil)¹

Universidade Federal de Santa Catarina

carlapvrocha@gmail.com

Fecha de recepción: 1 de febrero de 2017

Fecha de recepción evaluador: 15 de febrero de 2017

Fecha de recepción corrección: 10 de marzo de 2017

Resumo

Este artigo é resultado de uma pesquisa de cunho etnográfico com imigrantes transnacionais na cidade de Amsterdã (Países Baixos). Por meio de uma perspectiva interdisciplinar, a proposta é explorar a relação entre alimentação, migração e estilos de vida, no contexto da globalização vigente. A questão a ser delineada é: como a intensificação dos processos globais associados à alimentação vem repercutindo na configuração de estilos de vida de imigrantes transnacionais em Amsterdã? O argumento central é de que processos associados à globalização vêm cada vez mais redimensionando experiências ligadas à alimentação em condição migratória, refletindo não apenas no que se ingere, mas também nas diferentes maneiras de se relacionar com a comida e a partir da comida, repercutindo desta forma na configuração pela qual alguns imigrantes dão sentido aos seus projetos de vida, longe do país natal. Nesta perspectiva, o conceito de

paisagem alimentar, visto como uma construção da dinâmica social que relaciona comida a lugares, pessoas, significados e processos materiais (Johnston; Baumann, 2015) será o ponto de partida e também servirá de sustentação para o desenvolvimento do tema.

Palavras-chave: Alimentação; Migrações; Globalização; Paisagem alimentar; Multiculturalismo; Cosmopolitismo.

Resumen

Este artículo es el resultado de una investigación etnográfica con inmigrantes transnacionales en la ciudad de Ámsterdam (Países Bajos). A través de una perspectiva interdisciplinaria, la propuesta es explorar la relación entre alimentación, inmigración y estilos de vida en el contexto de la globalización actual. La cuestión central es: ¿cómo la intensificación de los procesos globales asociados a la alimentación vienen resonando en la configuración de los estilos de vida de inmigrantes transnacionales en Ámsterdam? El argumento central es que los procesos asociados a la globalización vienen cada vez más remodelando las experiencias relacionadas con la alimentación en condición migratoria, lo que refleja no sólo en lo que se ingiere, sino también en las diferentes maneras de relacionarse con los alimentos y a partir de los alimentos, repercutiendo de esta forma en la configuración por la cual algunos inmigrantes dan significado a sus proyectos de vida, lejos del país de origen. En esta perspectiva, el concepto de paisaje alimentaria, visto como una construcción de la dinámica social que vincula alimentos a los lugares, personas, significados y procesos materiales (Johnston; Baumann, 2015) será el punto de partida y también actúa como un soporte para el desarrollo del tema.

Palabras clave: Alimentación; Migraciones; Globalización; Paisaje alimentaria; Multiculturalismo; Cosmopolitismo.

Abstract

This article is the result of an ethnographic research with transnational migrants in the city of Amsterdam (Netherlands). Through an interdisciplinary perspective, the proposal is to explore the relationship between food, migration and lifestyles in the context of current globalization. The issue to be outlined is how the intensification of global processes associated with food comes reverberating in the configuration of the lifestyles of transnational migrants in Amsterdam? The central argument is that processes associated with globalization are increasingly redesigning experiences related to food in immigration status, reflecting not only on what is ingested, but also in the different ways of relating to food and from food, resonating in the configuration in which some migrants give meaning to their life projects far from their home country. In this perspective, the concept of *foodscape*, seen as a construction of the social dynamics that relates food to places, people, meanings and material processes (Johnston; Baumann, 2015) will be the starting point and also will serve as a support for the theme of development.

Keywords: Food; Migration; Globalization; Foodscape; Multiculturalism; Cosmopolitanism.

Introdução

Na conjuntura atual, os movimentos humanos têm sido potencializados². Paralelamente, há uma maior circulação de mercadorias, capital, ideias, imagens e, embora em proporções distintas, isso ocorre em nível global. No que se refere à alimentação, este processo vem redimensionando a paisagem alimentar, sobretudo dos países desenvolvidos. A análise deste panorama pode ser feita a partir de inúmeros caminhos. Ainda que muitos posicionamentos privilegiem os processos econômicos relacionados à globalização, o terreno cultural é um dos eixos representativos de como os fluxos globais operam e redimensionam algumas práticas, dentre as quais se incluem as relativas à alimentação. De maneira similar ao que ocorre em outras áreas, esses processos transcendem os estados nacionais, ganhando feição em um espaço global. Porém, neste movimento algumas questões entram em cena, como as relacionadas à maneira pela qual os fluxos culturais vêm tomando forma e ganhando significados nos diferentes contextos. Levando essa perspectiva em conta, este texto tem como objetivo discutir o impacto dos processos relacionados à atual fase da globalização na alimentação de imigrantes transnacionais em Amsterdã e a maneira pela qual esses processos repercutem na configuração de seus estilos de vida. Guiado por um enfoque interdisciplinar, o texto se baseia em uma pesquisa etnográfica realizada em Amsterdã com homens e mulheres (com idade entre 21 e 54 anos), provenientes de diferentes países, incluindo alguns do continente sul-americano (Venezuela, Panamá, Jamaica, Brasil), e também África, Europa e Ásia. Inicialmente, apontaremos o impacto dos atuais processos globais na alimentação, especialmente no âmbito dos países desenvolvidos. A seguir, enfocaremos na paisagem alimentar de Amsterdã, assinalando suas especificidades e como o global e o local se interseccionam neste contexto. Por fim, o conceito de paisagem alimentar será estendido para a abordagem das práticas relacionadas à alimentação de imigrantes nesta cidade e suas implicações na constituição de estilos de vida, a partir de uma articulação com noções de multiculturalidade e cosmopolitismo.

Alimentação, Migrações e Globalização

O campo alimentar revela como vêm incidindo muitas das mudanças relacionadas à globalização na contemporaneidade. Neste domínio, não somente as condições de produção e consumo têm sido transformadas, mas representações e significados associados à comida também se multiplicam. A exemplo do que ocorre em outros territórios, a globalização na esfera alimentar é caracterizada por uma série de

ambivalências, contradições e multiplicidades (Nutzenadel e Trentmann, 2008)³. Neste cenário, a complexidade do fenômeno alimentar ganha relevo.

No período atual de intensificação de fluxos (imagens, pessoas, mercadorias, capital, ideias), o comportamento associado à comida, as diferentes práticas neste âmbito e, similarmente, o panorama alimentar, sobretudo dos países desenvolvidos, vêm passando por uma crescente reconfiguração. Esta época também é caracterizada pela modernidade alimentar, quando uma gama de outras questões ainda ganha proeminência: o aumento de refeições fora de casa e consumidas de maneira individualizada (em horários e frequência conjugados com o mundo do trabalho), o mais amplo consumo de comidas rápidas, pré-prontas, lanches, etc.

Tal conjuntura inclui mudanças fundamentais a respeito de como e por que os alimentos são produzidos (ou não produzidos), os modos pelos quais são distribuídos (ou não distribuídos) e, variavelmente, preparados, ingeridos, compartilhados, pensados, imaginados, discutidos e disputados, nas diferentes partes do mundo (Inglis e Gimlin, 2009). Esse horizonte de modificações também repercute no modo como os indivíduos lidam suas práticas alimentares em situação migratória, uma vez que modificações e ajustes são inevitáveis.

Amsterdã é um exemplo de contexto globalizado, tanto pelos fortes traços migratórios pelos quais a cidade é delineada, como pela maneira pelas quais os fluxos em torno da comida vêm cada vez mais contribuindo para moldar panoramas alimentares. Dados do governo holandês indicam que 178 nacionalidades estariam ali representadas. Portanto, não é difícil compreender o porquê Hannerz (2001) se refere a Amsterdã como uma *janela para o mundo*, de natureza semelhante a grandes cidades na Europa Ocidental e América do Norte; basta uma caminhada por qualquer um de seus principais bairros para se identificar o caráter de transnacionalidade em seu espaço público e também para se ter uma ideia de como a comida está estreitamente relacionada aos movimentos migratórios, uma vez que, notadamente, os alimentos seguem as rotas humanas.

Assim como a globalização na área alimentar encerra processos muito antigos⁴, migrantes são reconhecidos agentes na circulação transnacional de comidas. Ao carregarem consigo novos produtos e culinárias, interferem em hábitos alimentares e padrões de consumo locais. Em sentido inverso, inevitavelmente incorporam novas comidas e práticas. Como observam Nutzenadel e Trentmann (2008), além do crescimento da variedade de suprimentos e escolhas ligados ao que ingerir, a *migração alimentar* exerce um papel fundamental na redefinição de relações étnicas, identidades culturais e representações nacionais. Os fluxos em torno da comida não se reduzem aos alimentos, mas se estendem a um universo mais amplo, como livros de receitas, programas televisivos, cozinheiros, blogs e demais mídias sociais, etc. Levando isso em conta, tomamos a noção de *paisagem alimentar*, nos termos de Johnson e Baumann

(2015), concebida como uma construção da dinâmica social que relaciona comida a lugares, pessoas, significados, processos materiais e práticas, implicando um vínculo dinâmico entre cultura alimentar (gosto, significado) e materialidade alimentar (estrutura social, paisagem física, ecologia), como contribuição para o entendimento do que vem conformando a alimentação em nossos dias e ecoando em contexto migratório.

A comida tem um papel importante na constituição de estilos de vida. Nas sociedades modernas, dado o vasto e complexo universo de escolhas, emerge uma variedade de estilos de vida possíveis de se configurar (Giddens, 2002). Na mesma linha de pensamento, há diferentes maneiras para se definir, dar sentido e enfrentar a multiplicidade de escolhas alimentares em vigor nos países desenvolvidos (Warde, 2009). Além disso, no âmbito de um mercado global, os alimentos e seus significados vêm progressivamente ganhando mais mobilidade e adquirindo significados distintos, dependendo do contexto onde circulam. Tal consideração é especialmente importante, no sentido de evidenciar que a globalização não deve ser reduzida a um processo de homogeneização (Appadurai, 1994; Hannerz, 1990; Ianni, 2007; Ortiz, 1994), mas a uma crescente diferenciação e diversidade no que se refere às formas culturais daí resultantes, expressas como configurações múltiplas e complexas (Robertson, 1994; Urry, 2003), como será explicitado no decorrer deste texto.

Paisagem alimentar de Amsterdã - intersecções entre o local e o global

Conforme já mencionado, a paisagem alimentar de Amsterdã reflete a presença marcante e diversificada de imigrantes, constituinte da própria trajetória histórica da cidade. Em virtude da intensificação dos referidos fluxos globais vigente, a variedade de itens presente nessa paisagem facilita a manutenção de hábitos e práticas alimentares relacionados ao país de origem desses indivíduos, possibilitando igualmente modificações na mesma esfera. Nessa dinâmica, intersecções entre o global e o local ganham relevo.

Ao observarmos o campo alimentar na conjuntura corrente, não é difícil constatar o impacto progressivo e determinante gerado pelos processos globais, acima de tudo na alimentação dos centros urbanos. Em Amsterdã, a exemplo de outras capitais mundiais, a crescente disponibilidade de artigos provenientes dos mais distintos cantos do planeta, chama a atenção. Grandes cadeias de supermercados disputam consumidores com pequenos mercados locais, oferecendo produtos voltados para atender a diversificada demanda migratória, cuja ênfase recai em ingredientes ou condimentos relacionados a culinárias dos grupos mais representativos, como turcos, marroquinos, indonésios e surinameses. Mas os mesmos mercados também ofertam itens para o preparo das culinárias chinesa, mexicana, japonesa, indiana, italiana, vietnamita, brasileira, entre

outras, que incluem algas, temperos variados, massas italianas, azeites de oliva importados de Portugal, Grécia, Espanha, Líbano, etc.

Percorrendo alguns corredores dos supermercados da cidade⁵, é possível observar o quanto a variedade de produtos frescos, especialmente certas frutas, também é dependente dos fluxos globais. No Jumbo (uma das redes de supermercados mais populares na cidade), por exemplo, se pode optar entre bananas vindas da Colômbia, Costa Rica ou do Panamá. Este exemplo revela especificidades do contexto holandês e mesmo de outros países da Europa que, em razão de seu clima temperado, dependem de algumas importações para manter a diversidade de sua paisagem alimentar. No que se refere à disponibilidade de frutas, além da banana, cabem os exemplos de manga, mamão, kiwi ou abacaxi, cultivadas em países tipicamente tropicais, mas facilmente encontradas nos mercados desta cidade e incorporadas de diferentes maneiras na culinária local.

É também interessante lembrar que a localização privilegiada da Holanda no estuário do Reno, permitiu a este país um papel de extrema importância no comércio internacional desde o século XVII. Hoje, através dos portos marítimos de Rotterdam e Amsterdã, e do aeroporto de Schipoll, o país é considerado a porta de entrada e saída de produtos para a América e Ásia, onde se efetua também a distribuição dos produtos para toda a Europa.

O retrato da diversidade de produtos em Amsterdã ainda sinaliza um quadro mais amplo onde está imersa a alimentação no mundo de hoje. Dado o implemento das técnicas de conservação, acondicionamento e transporte, é reduzida a pressão climática a que estavam sujeitos diversos alimentos. Dessa forma, à medida que empresas agroalimentares transnacionais potencializam e ampliam a distribuição de um sortimento cada vez mais variado de itens (frutas, carnes, peixes, conservas, frios, bebidas, biscoitos, entre uma multiplicidade de outros produtos), vai aumentando consideravelmente a distância entre a produção e o consumo (Goody, 1995; Poulain, 2006). Em razão disso, como será retomado mais adiante, o significado dos alimentos também ganha maior mobilidade.

A paisagem alimentar de Amsterdã ainda conta com alguns emblemas representativos do capitalismo moderno; redes como *Starbucks*, *McDonald's*, *Pizza Hut*, *Burger King*, *Domino's*, *Subway*, entre outras, vêm, paulatinamente, ganhando espaço também em áreas não tão centrais da cidade. Essas redes globais disputam espaço com *fast food* locais, como o notório *Febo6*, e mesmo com outros inúmeros estabelecimentos que oferecem batatas fritas de tradição belga ou *kebabs*, opções que já se tornaram um traço marcante da paisagem alimentar da cidade⁷. Em virtude de tal horizonte, ao mesmo tempo em que entra em questão o que significa uma dieta local, global ou um misto de sabores globais com recursos globais, as próprias definições de local, regional e global vão sendo reconsideradas (Moskowitz, 2008)⁸.

Na observação das práticas alimentares de imigrantes e ao ouvi-los discorrerem sobre como lidam com a comida, sobretudo o que move suas escolhas cotidianas, como se apropriam daquela paisagem alimentar da cidade e mesmo o que significa consumir determinados alimentos, foi possível identificar alguns aspectos que expressam como o local e o global, neste âmbito, podem assumir diferentes significados em função do contexto onde se dá o consumo alimentar. Nessa perspectiva, essas práticas evidenciam não apenas como o global vem sendo expresso por meio de heterogeneidades, mas como a noção de local tem sua natureza construída, contingente e passível de mudanças⁹.

Figura 1: Oferta de produtos da culinária mexicana em um supermercado de bairro – Amsterdã



Conforme já acenado, a paisagem alimentar globalizada de Amsterdã representa um universo amplo de escolhas, incluindo produtos industrializados, distribuídos e comercializados em nível planetário. Se algumas dessas comidas já estariam *eticamente neutralizadas*, como macarrão e pizza, por exemplo (Mintz, 2006), outras adquirem um significado específico em muitas dietas, especialmente quando se trata de comida num contexto migratório. Essa oferta diversificada é indubitavelmente vista como algo positivo pelos imigrantes em questão. A primeira razão está em não encontrarem maiores dificuldades, quando a finalidade é reproduzir comidas dos seus países de origem ou manter determinados hábitos cultivados antes de emigrar¹⁰.

No caso de brasileiros, por exemplo, se por alguma razão esses indivíduos não têm acesso às lojas de produtos brasileiros situadas na *Kinkerstraat*, uma das ruas que centralizam o comércio de alimentos "étnicos" em Amsterdã, outros comércios viabilizam o acesso a certos produtos. Alguns suprimentos considerados básicos em suas dietas, como o feijão ou produtos derivados do côco, principalmente para quem emigra da região nordeste do Brasil, por exemplo, podem ser encontrados facilmente nos supermercados em uma variedade proveniente da Ásia, da África ou de algum outro país de clima tropical, onde esses itens são produzidos e, de alguma forma, constam em suas culinárias. A mesma lógica pode ser aplicada para o consumo de diversos outros produtos na cidade.

Figura 2: Comércio de produtos asiáticos - Amsterdã



É interessante mencionar que, nas entrevistas, os imigrantes relataram encontrar praticamente tudo o que necessitam quando está relacionado à dieta de seu país de origem. Dessa forma, recorrer a substituições na dieta, se não estiverem condicionadas a um valor econômico muito alto do produto, torna-se frequentemente uma questão de escolha. Por outro lado, aspectos relacionados ao sabor ou mesmo à qualidade de muitos alimentos que encontram em Amsterdã se tornam alvo de críticas por parte de alguns desses

indivíduos. Essas críticas revelam outras faces da globalização, como os seus custos ambientais, por exemplo. Enquanto um imigrante português reclama dos produtos provenientes de seu país, julgando estarem sempre aquém dos que consumia em Portugal, em termos do que julga qualidade, uma austríaca não vê sentido em comer batatas vindas de Malta ou qualquer outro país, já que a Holanda é reconhecidamente um dos maiores produtores mundiais desse tubérculo e, portanto, não haveria necessidade de se investir no seu trânsito, dado o desgaste ambiental implicado.

Figura 3: Oferta de produtos étnicos em banca no mercado Albert Cuyp – Amsterdã



A paisagem alimentar de Amsterdã, ainda que variando em proporções e intensidade, reproduz a potencialização dos fluxos globais da atualidade vivenciada no cotidiano de outros países e continentes, sobretudo nas grandes cidades. Mas essa paisagem não se reduz aos ingredientes. À desterritorialização de comidas segue a de imagens, informações ou mesmo receitas relativas ao que se ingere. E no tocante às populações deslocadas, este conjunto de elementos ainda representa distintas formas de contato com o país de origem, quando conexões transnacionais de naturezas diversas podem ser nutridas¹. Em consequência, outras dimensões da comida – como a de caráter comunicativo – são exaltadas¹.

Na mesma perspectiva, a reconstituição de comidas ou o acesso a certos alimentos também presentes no país de origem num ambiente de migração pode abarcar significados

múltiplos. Exemplo nesse sentido é o caso de uma jamaicana que antes de emigrar para Amsterdã passou grande parte de sua vida nos Estados Unidos. Embora hoje considere o hambúrguer do Mc Donald's uma comida de má qualidade, consumi-lo em Amsterdã passou a ter um significado diferente de quando o fazia nos Estados Unidos. Enquanto lá era considerado somente uma opção de lanche incorporada na rotina, em Amsterdã, apesar das ressalvas feitas com relação aos seus possíveis malefícios à saúde, esse hambúrguer se converteu em uma *comfort food*¹³, isto é, em um meio desta imigrante se reportar, mesmo que imaginariamente, ao período em que vivia próxima à família naquele país.

O caso de uma brasileira é outro exemplo no qual a comida tem seu sentido modificado a fim de preencher necessidades relacionadas ao contexto migratório. Quando se refere ao hábito de comer feijão e arroz no Brasil, o associa a uma das comidas feitas cuidadosamente pela avó e compartilhada de maneira frequente em família. Porém, em Amsterdã, o mesmo prato passou a significar uma comida com mais "substância", consumida diariamente com o intuito de conseguir enfrentar as longas jornadas de trabalho dedicadas à limpeza de casas.

Tais exemplos mostram que hábitos alimentares podem ser desterritorializados por projetos globais e, simultaneamente, reincorporados em algum lugar, à medida que as pessoas reelaboram suas ideias sobre a comida e o mundo (Inda e Rosaldo, 2002). A partir da observação e das entrevistas, foi possível identificar que essa reelaboração também sofre profunda influência da conjuntura em vigor, na qual as escolhas alimentares vêm sendo fortemente orientadas por critérios e discursos de caráter médico e nutricional. Enquanto para uma jamaicana, o óleo de côco é um ingrediente básico de algumas receitas de seu país natal, para um espanhol, também morador de Amsterdã, o mesmo óleo, independente de ser referência de alguma culinária específica, é considerado uma "gordura mais saudável" para ser consumida diariamente, em comparação a outros óleos de mesma natureza, como o de oliva, tradicionalmente reconhecido como fundamental em grande parte dos pratos associados à culinária de seu país de origem.

As mudanças relativas à alimentação no mundo de hoje atravessam fronteiras e envolvem uma gama de elementos diversos. Do mesmo modo que paisagens alimentares vão sendo redimensionadas, os alimentos são ressignificados. Se essas mudanças não se restringem a situações de migração, para a compreensão do que tem envolvido o fenômeno alimentar neste âmbito é imprescindível pensá-lo à luz dessas mudanças. No caso de imigrantes transnacionais em Amsterdã, atentar para o impacto dos fluxos globais é fundamental tanto para se contextualizar as práticas relacionadas à alimentação de imigrantes nesta cidade, como para compreender suas implicações e especificidades na constituição de seus estilos de vida, como será abordado a seguir.

Práticas alimentares de imigrantes em Amsterdã: multiculturalidade e cosmopolitismos

As práticas alimentares de imigrantes transnacionais na cidade de Amsterdã e a maneira pela qual tais práticas ressoam em seus estilos de vida, além de estarem circunscritas a uma série de fatores, se expressam de diferentes maneiras. Apropriar-se localmente da oferta alimentar da cidade, o que também inclui cozinhar e relacionar-se de modos variados com a referida paisagem alimentar, significa dar sentido a suas dietas individuais e também influi de maneira importante para a configuração de determinados estilos de vida. Nessa concepção, noções de multiculturalidade e cosmopolitismo ganham proeminência.

Os estilos de vida contribuem para que os indivíduos possam definir a si mesmos. Seguindo a ótica de Giddens (2002), *estilo de vida* é um conjunto mais ou menos integrado de práticas abraçadas por um indivíduo que, além de preencherem necessidades utilitárias, dão forma material a uma narrativa particular de auto-identidade. Notadamente, a comida atua como um eixo importante nessa direção. Além disso, num mundo em que é dada cada vez mais visibilidade ao que se come, especialmente a partir das mídias sociais, comida e identidade aparecem como duas faces da mesma moeda.

Diferente de outras mercadorias comercializadas a partir de redes globais, a comida é item de sobrevivência, incorporado pelos indivíduos, transformado em parte integrante do corpo de quem a ingere. Por essa razão, é também referendada por sua função identitária (Fischler, 1995). Ademais, comer é uma atividade importante porque atua como base que liga o mundo das coisas ao mundo das ideias, viabilizando nos relacionarmos com a realidade (Mintz, 2001) e com outros indivíduos, atuando assim também como um elo de sociabilidade (Simmel, 2004).

Em condição migratória, há que se lidar com o inusitado em diversos momentos. Considerando o caso de Amsterdã, dependendo do país de origem do imigrante, o inusitado pode significar uma gama de elementos: afora especificidades da alimentação na Holanda, como o hábito de se ingerir uma refeição à base de pão à hora do almoço (algo inaceitável para alguns imigrantes), a diferença de clima, o idioma (apesar de grande parte da população nesta cidade dominar o inglês, jornais, programas de televisão, revistas, rótulos de comidas, cardápios, em geral, são configurados em holandês) são elementos que ganham evidência nas entrevistas realizadas. Além disso, em virtude do alto valor dos alugueis na cidade, é comum que imigrantes provenientes de contextos culturais muito diversos dividam a moradia, passando igualmente a compartilhar valores culturais às vezes bastante distintos, o que exige constantes negociações.

Face a essas questões, o novo pode ser concebido como algo a ser enfrentado ou superado e a busca do familiar não consistir simplesmente em uma alternativa, mas como

a única saída. Aliada a outros fatores, a alimentação em situação migratória é marcadamente representativa de ambiguidade relativa ao novo; do mesmo modo que algumas comidas provocam extrema rejeição (nem sempre a nossa comida agrada o paladar alheio e vice-versa), outras tornam-se uma espécie de refúgio. Um exemplo disso é a presença de biscoitos, chocolates e outra guloseimas que observei seguidamente nos quartos das imigrantes com quem dividi moradia em Amsterdã. Diferente de outros suprimentos, não estavam no espaço comum na casa, mas reservadas para um consumo privado, distante dos olhares alheios.

Contudo, incorporar o novo na vida cotidiana em um outro país pode ser visto como um desafio positivo, uma possibilidade de novas experiências ou aprendizados que passam a integrar e a constituir estilos de vida. Neste caso, a comida também é representativa. Com relação aos imigrantes desta pesquisa, é interessante mencionar que, em meio aos motivos da escolha de Amsterdã para estabelecerem seus projetos migratórios - entendidos aqui como projetos de vida (Velho, 2003) -, emergem representações e imaginários relacionados tanto à cidade como ao próprio movimento migratório. Em seus relatos, "aberta", "multicultural" e "tolerante" são termos correntemente associados à cidade. Em virtude disso, algumas expectativas envolvendo a comida são também nutridas com relação à forma de modelarem seus estilos de vida.

Um exemplo nesse sentido é o argumento de uma imigrante italiana, reclamando da ausência de produtos representativos de outras culturas alimentares onde vivia, na região da Sicília:

Eu me sinto feliz de ter escolhas; quando você mora em uma cidade onde você pode comprar frutas que vêm do Marrocos, da Índia, da Indonésia, etc., isso quer dizer que esta cidade está aprovionando essas pessoas também. Quer dizer então que você está morando em uma cidade multicultural [...] e eu gosto disso.

Já uma imigrante venezuelana aponta para algumas especificidades desta cidade, no que concerne ao seu caráter multicultural, e como isso ressoa na sua paisagem alimentar:

Parece-me que Amsterdã é muito privilegiada, porque é uma cidade pequena, não é uma metrópole [...] não é Londres [...] tens tudo em Londres, tens tudo em Paris, tens tudo em Nova York, mas são cidades muito grandes, necessitas de um dia para ir de ponta a ponta. Em Amsterdã, ao contrário, em quinze minutos podes estar onde quiseres na cidade e, no centro, consegues tudo o que queres; em uma quadra encontras coisas de mais de cem países, de diversas culturas e todas perto umas das outras [...]. Se queres comer comida tailandesa hoje e não queres ir a uma restaurante tailandês, vais conseguir os ingredientes na esquina da tua casa.

Amsterdã, portanto, a exemplo de muitas capitais globais (Sassen, 1998), é amplamente reconhecida como uma cidade multicultural. Como se pode notar nos relatos acima, essa característica é associada sobretudo às múltiplas migrações que compõem o

cenário desta cidade. Mas o termo também tem relação com o reconhecimento e aceitação da existência desses diferentes grupos. Multiculturalidade é um termo reivindicado para definir contextos, onde diferentes comunidades culturais convivem e tentam construir uma vida em comum, ao mesmo tempo em que retêm algo de sua identidade original (Hall, 2006). Há outras variantes para o termo multiculturalidade. Todavia, não é objetivo deste texto abordá-las¹⁴, e sim reportar a este conceito no intuito de descrever o contexto da cidade e sua ressonância na alimentação dos imigrantes ou mesmo como parte das representações ligadas à constituição dos seus estilos de vida nesta cidade.

Cosmopolitismo é outro conceito que possibilita compreender como a paisagem alimentar da cidade contribui para que estes indivíduos nutram expectativas com relação a seus projetos migratórios e idealizem seus estilos de vida no âmbito da migração. Mas não somente isso; a pesquisa mostra que as escolhas alimentares baseadas em noções de cosmopolitismo constituem um modo desses indivíduos se apropriarem e, simultaneamente, se sentirem parte do contexto diversificado daquela cidade. Tomamos como referência a concepção de Hannerz (1990), para quem cosmopolitismo é um dos caminhos pelos quais os indivíduos se relacionam com os processos de globalização, implicando uma vontade de engajar-se com o Outro. De acordo com o autor, isso envolve abertura em direção a experiências culturais divergentes, implicando mais contrastes que uniformidade. Levando em conta os imigrantes da pesquisa, alguns relatos evidenciam esta perspectiva:

Necessito ver outras culturas, comer outras comidas, falar outro idioma, conhecer outra gente (Imigrante da Argentina, 27 anos).

Eu quero descobrir mais, eu não quero voltar para o lugar de onde vim, ninguém quer voltar para trás, a gente quer ir mais longe, não fisicamente, mas em termos de experiência [...]. Eu gosto de estar com pessoas de diferentes países, falar inglês e é um pouco difícil na Itália [...]. Eu quero comprar alguma comida de outro país e, dependendo de onde você mora na Itália, não é muito fácil (Imigrante da Itália, 31 anos).

Em alguns relatos, a comida aparece como experiência comparável em importância ao domínio de um novo idioma, ou seja, como um meio de se entrosar com o novo contexto, de superar determinadas barreiras culturais e, acima de tudo, como possibilidade de se situar no mundo a partir da incorporação desta experiência, ainda que a apropriação de grande parte dessa paisagem não ocorra de fato, mas apenas em nível simbólico. Nesse sentido, a comida atua como uma porta entreaberta que pode servir de meio para se transitar por novas experiências, um caminho que permite idas e vindas. Ou como nas palavras de Hannerz (1990), embora o cosmopolita possa abraçar a cultura estrangeira, ele não se torna necessariamente comprometido com tal condição, pois todo o tempo está ciente de onde é a saída.

Considerações finais

A comida, em sua circulação física ou simbólica, e no que tem envolvido suas formas de produção e consumo, constitui um caminho extremamente fértil para entender e traçar o modo como a globalização opera, sob diferentes ângulos. Os deslocamentos internacionais atuais têm sido objeto de crescente atenção dada a sua diversidade, novos significados e implicações, particularmente no que se refere aos seus vínculos com a globalização. Diante desse quadro, o enfoque na alimentação pode dar pistas sobre o que vem pautando a experiência migratória na conjuntura atual. Todavia, essa mesma conjuntura vem acirrando a complexidade do fenômeno alimentar e evidenciando o quanto a alimentação é algo vivo e em constante mudança.

A paisagem alimentar de Amsterdã é delineada pelos fortes traços migratórios característicos da cidade, os quais vêm sendo reforçados, por meio dos fluxos cada vez mais diversificados de pessoas e comidas. Mas os fluxos relativos à comida não se resumem aos ingredientes, dando razão a imaginários e representações em torno do que se come, da migração e da própria cidade. Como mostra a pesquisa, os modos pelos quais esses imigrantes se apropriam da paisagem alimentar da cidade revela que o local e o global são duas faces de uma única moeda. Na mesma perspectiva, noções de multiculturalidade e cosmopolitismo são centrais para entender como os referidos fluxos ecoam nas práticas alimentares e na constituição de estilos de vida de imigrantes na cidade, evidenciando igualmente as dimensões simbólica e cultural da alimentação.

Referências

- Locher, Julie L., Yoels, William C., Maurer, Donna & Ells, J. (2005). Comfort Foods: An Exploratory Journey Into The Social and Emotional Significance of Food. *Food and Foodways*, 13:4, 273-297.
- Johnson, J.; Baumann, S. (2015). *Foodies: Democracy and Distinction in the Gourmet Foodscape*. 2 ed. Nova York: Routledge.
- Appadurai, A. (1990). Disjuncture and Difference in the Global Cultural Economy. In: Williams, P., Chrisman, L. *Colonial Discourse and Post-Colonial Theory*. N.Y.: Columbia University Press. 324- 339.
- Appadurai, A (1996). *Modernity at large: cultural dimensions of globalization*. Minneapolis, Minn.: University of Minnesota Press.
- Babha, H. (1999). *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG.
- Barthes, R. (2008). Toward a Psychosociology of Contemporary Food Consumption. In: Counihan, C. & Van Esterik, P. eds. *Food and culture: A reader*. 2 ed. New York: Routledge.

- Clifford, J. (1997). *Routes, Travel and Translation in the late Twentieth Century*. Cambridge: Harvard University Press.
- Fischler, C. (1995). *El (h)omnívoro: el gusto, la cocina y el cuerpo*. Barcelona: Anagrama.
- Foster, R. J. (1991). Making National Cultures in the Global ecumene. *Annual Review of Anthropology* Vol. 20, pp. 235-260.
- Gabaccia, D. (1998). *We are what we eat: ethnic food and the making of Americans*. Massachusetts, London, England: Harvard University Press Cambridge.
- Giddens, A. (2002). A trajetória do eu. In: *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. p.70-104.
- Goody, J. (1995). *Cocina, cuisine y clase: estudio de sociología comparada*. Barcelona: Gedisa.
- Hall, S. (2006). *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Hannerz, U. (1990). *Transnational Connections. Culture, People and Places*. Londres: Sage. 237-251.
- Hannerz, U. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. (1997) *Mana*, Rio de Janeiro , v. 3, n. 1.
- Ianni, O. (2007). *Teorias da globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Iglis, D., Gimlin, I. (2010). Food globalizations: ironies and ambivalences of food, cuisine and globality. In: Iglis, D., Gimlin, I. *The globalization of food*. New York: Berg. 3-42.
- Inda, J.; Rosaldo, R. (2002). Introduction. In: Inda, J.; Rosaldo, R. (eds.). *The Anthropology of Globalization: A Reader*. Malden: MA-Oxford, Blackwell. 1-36.
- Mintz, S. (2001). *Comida e Antropologia: Uma breve revisão*. RBCS, Vol. 16, nº 47. [online] In: <http://www.uff.br/saudecultura/artigos-encontro-6/Texto08.pdf> Acesso em 12/Junho/2016.
- Moskowitz, M. (2008). The limits of globalization? The horticultural trades in postbellumamerica. In: Nutzenadel, A.; Trentmann, F. *Food and Globalization: Consumption, Markets and the Politics of the Modern World*. Oxford: Berg. p. 57-73.
- Nutzenadel, A., Trentmann, F. (2008). *Food and globalization: Consumption, Markets and the politics of the modern world*. Oxford: Berg.

- Ortiz, R. (1994). *Mundialização e cultura*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense.
- Phillips, L. (1994). Food and globalization. *Annual Review of Anthropology*. Vol. 35: 37-57.
- Poulain, J-P. (2004). *Sociologias da alimentação: os comedores e o espaço social alimentar*. Florianópolis: Ed. da UFSC.
- Robertson, R. (1994). Mapeamento da condição global: globalização como conceito central. In: Featherstone, M. (coord.). *Cultura global: nacionalismo, globalização e modernidade*. Petrópolis: Vozes. 23-40. Sassen, S. (1998). *As cidades na economia mundial*. São Paulo: Nobel.
- Selfa, T.; Qazi, J. (2005). Place, Taste or Face-to-Face: Understanding Producer-Consumer Networks in "Local" Food Systems. *Agriculture and Human Values*, 22/4: 451-64.
- Simmel, G. (2004). Sociologia da refeição. *Estudos Históricos*, 33: Rio de Janeiro.
- Velho, G. (2003). *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Urry, J. (2003). *Global complexity*. Cambridge: Polity.
- Vertovek, S. (2009). *Transnationalism*. New York: Routledge.
- Warde, A. (2010). Globalization and the Challenge of Variety: A Comparison of Eating in Britain and France. In: Iglis, D.; Gimlin, I. *The globalization of food*. New York: Berg. 227-242.

Notas

1 Doutora em Ciências Humanas pelo Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC- Brasil), Mestre em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS- Brasil/2009). e-mail: carlapvrocha@gmail.com Orcid: 0000-0003-2457-4634

2 Durante as últimas cinco décadas, o número de migrantes internacionais quase triplicou: de 76 milhões, em 1960, passou para 214 milhões em 2010. Segundo as Nações Unidas, entre os anos de 2013 e 2014, a soma gira em torno de 232 milhões. Hoje, o total representa 3,2% da população mundial. Tendo em vista o ritmo desse crescimento, a quantidade de migrantes internacionais estimada para o ano de 2050 é de 405 milhões. Disponível em: http://www.un.org/esa/population/migration/ga/SG_Report_A_68_190.pdf Acesso em abril/ 2016.

3 Considerando a mesma assertiva, Iglis e Gimlin (2009) propõem ampliar o escopo de abordagem aos processos vigentes a partir da noção de Globalizações da alimentação; entendem as autoras que, a rigor, o termo no plural seria mais apropriado por obra da complexidade de questões envolvendo a matéria, especialmente sob condições de globalização avançada.

4 O trânsito remoto de alimentos, plantas, passando pelas explorações marítimas europeias até a crescente difusão de produtos, incrementada pelas atuais corporações transnacionais, constituem uma trajetória bastante longínqua. Como explica Gabaccia (1998, p. 11): “Dentro de um século da chegada de Colombo, os barcos europeus já estavam transportando curiosas plantas das Américas – batatas, milho, tomates, pimentas e amendoim – para a Europa, África e Ásia. Mas as rotas de comércio são usualmente uma rua de duas mãos. A partir da Europa e África, rebanhos de galinha e rebanhos de porcos, gado e ovelha, juntamente com sementes de ervas daninhas comuns e culturas alimentares (café, arroz, gergelim, açúcar, inhame enriqueceram o mundo das Américas e do Pacífico). Cana de açúcar, transportadas inicialmente da Ásia pelo Mediterrâneo, eventualmente transformaram a ecologia e a economia das ilhas do Caribe, enquanto alteraram dramaticamente os gostos da Europa e das Américas”.

5 As principais redes de supermercado na cidade são Dirk, Jumbo, Lidl e Albert Heijn.

6 Rede holandesa de lanches rápidos (croquetes, hambúrgueres e cachorros quentes) ofertados em uma parede de vidro. Depois de inseridas algumas moedas, o lanche torna-se imediatamente disponível e pronto para o consumo, através de uma pequena janela.

7 Cabe ressaltar que o exemplo dos kebabs pode ser estendido à maior parte das cidades do continente europeu, visto a sua ampla difusão pelos países deste continente.

8 Tal reelaboração implica a variação de significados não somente de um contexto para o outro, mas de um grupo de atores para outro (Selfa e Qazi, 2005).

9 A disparidade entre culturas locais e globais não indica necessariamente oposição entre ambas as categorias. A crítica ao pensamento dualista e à noção de fragmentação, no que se refere ao impacto dos processos globalizadores, adverte que os significados dos termos local e localidade/ global e globalidade variam tanto em contexto como de um grupo de atores para outro (Iglis e Gimlin, 2009). O mesmo ponto de vista é direcionado para a globalização e localização da produção cultural como dois momentos do mesmo processo, isto é, mais a partir da interligação que da contradição entre os dois processos (Foster, 1991; Ortiz, 1994). Grande parte da problematização em torno da relação local/global, evidencia assim o intercâmbio indissociável entre os dois extremos. Essa relação, envolta por ambivalências e contradições, também é tratada a partir do termo "glocalização" (Robertson, 1994), no intento de se exaltar o encadeamento simultâneo entre os dois conceitos, em sua já aludida interdependência e interpenetração. Nesta concepção, localização do mundo e mundialização do local indicam que a globalização envolve adaptação a realidades locais, em vez de sua negação ou destruição.

10 Em muitos casos, a emergência da desterritorialização pode levar a mudanças positivas de orientação do núcleo simbólico de grupos sociais e étnicos, reestabelecendo conexões entre expressões culturais e sentimentos de pertença (Appadurai, 1996; Clifford, 1997; Babha, 1999). E, em situações de deslocamento, nutrir sentimentos de pertença pode ser particularmente relevante, no caso de alguns contextos específicos e em determinada conjuntura.

11 A transnacionalidade articula-se com a globalização. Assim como a intensificação de diferentes fluxos (ideias, imagens, pessoas, mercadorias, capital) vem configurando o atual período da globalização (Appadurai, 1990, 1996, Hannerz, 2014, 2015), o aprimoramento de conexões transnacionais entre grupos sociais também tem representado uma manifestação chave do mesmo processo (Vertovek, 2009). Tais conexões podem ser mantidas através de diversas formas: remessa de dinheiro e mercadorias, atividades de negócios, participação política, investimentos, viagens e também por meio da troca de ideias e comunicações.

12 Sobre a dimensão comunicativa da alimentação ver: Barthes, R. (2008). *Toward a Psychosociology of Contemporary Food Consumption*. In: Counihan, C. & Van Esterik, P. eds. *Food and culture: A reader*. 2 ed. New York: Routledge.

13 Alimentos consumidos como meios para se gerir diferentes emoções. Esta imigrante, por exemplo, se refere à nostalgia. Para explorar um enfoque mais amplo do termo, ver: Julie L. Locher PhD, William C. Yoels, Donna Maurer & Jillian van Ells. (2005). *Comfort Foods: An Exploratory Journey Into The Social and Emotional Significance of Food*, *Food and Foodways*, 13:4, 273-297.

14 Para um aprofundamento sobre o conceito, ver Hall, S. (2006). *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG.